

O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente

Mônica Geraldi Valentim*

Ana Maria Lombardi Daibem**

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

RESUMO

120 alunos e 29 professores de ensino médio foram consultados através de questionários a respeito das características que seriam atribuídas a um bom professor. A análise dos dados revelou pouca diferença entre as opiniões levantadas nas duas amostras, expressando uma relativa concordância entre as expectativas de alunos e professores quanto ao que se espera de um bom professor. Tanto alunos quanto professores destacam a criatividade e a transmissão eficiente do conteúdo como características básicas de um bom desempenho docente. Saber ouvir o aluno e considerar sua realidade, enquanto características do bom professor, aparecem, também, com alto grau de concordância nas duas amostras. A relação interpessoal aparece como elemento importante, mas nem alunos nem professores parecem valorizar relações paternalistas. A pesquisa revelou um certo grau de consciência nas duas populações sobre a importância das condições fundamentais para um exercício adequado da docência. Restam, ainda, algumas influências de mitos antigos associando a aprendizagem ao sofrimento, principalmente nas concepções dos alunos. Imposição da disciplina, indicando a idéia do professor como ser superior, dotado de um saber que deve ser transmitido aos alunos, que, por sua vez, devem receber passivamente o conteúdo, parecem denotar resquícios de uma educação conservadora, principalmente nas respostas dos professores.

Unitermos: competência didática, competência interpessoal, prática docente, bom professor.

* Rua Monsenhor Claro, 14-85 - 17040-360 Bauru (SP) .

**Departamento de Educação/Faculdade de Ciências/UNESP - Campus de Bauru - Av. Engº. Luiz Edmundo Carrijo Coube, s/nº. - 17033-360 - Bauru (SP)

INTRODUÇÃO

Há na literatura um certo consenso a respeito das características que estão associadas a uma prática docente mais eficiente. O bom desempenho é sempre alicerçado sobre um paradigma envolvendo três pressupostos traduzidos em forma de competências: política, técnico-teórica e interpessoal.

Por competência política, entende-se o comprometimento do professor com os direitos de cidadania inerentes a cada ser humano. Se o professor estiver comprometido com o ideal de uma sociedade mais justa, estará mais propenso a criar indivíduos críticos, que possam intervir no meio em que vivem, de forma a torná-la mais humana. Na opinião de Ragonesi (1993), nada substitui a ação competente e crítica do professor. Este, de tal forma comprometido, concebe os alunos como participantes ativos do processo de educação, considerando dados de suas próprias realidades na elaboração dos conteúdos, tornando esses conteúdos mais articulados e significativos.

Sem competência técnico-teórica, sem dúvida, é pouco provável que uma boa prática docente se efetive. É preciso que o professor domine o conteúdo e saiba torná-lo compreensível ao aluno. Essa competência envolve flexibilidade, criatividade e dedicação. Flexibilidade para readequar cronogramas e programas de aula, sempre que necessário. Criatividade para que a atividade de aprender seja algo prazeroso e perca a conotação de sacrifício. Dedicação, porque seu trabalho é interminável e requer muito empenho. Em pesquisa realizada, visando a estabelecer as características básicas mais comuns encontradas em professores considerados bons por alunos universitários, Pimentel (1994), entre outras considerações, aponta:

(...) domínio do conhecimento amplo, profundo e atualizado, não só do conteúdo programático, como da ciência que ensinam. Têm também [os professores] o conhecimento de ciências correlatas (p. 85).

A competência interpessoal parece clara dentro do pressuposto de que a educação é, ao mesmo tempo, um processo de formação que se dá através de relações interpessoais e um processo de preparação para o desenvolvimento de relações sociais. Para que haja a efetivação de relações saudáveis entre professor e aluno, a educação deve ser um campo fecundo de relações humanas em que se efetive a passagem da subordinação à autonomia, da dependência à independência, da imitação à criatividade. Torna-se claro, portanto, que uma concepção progressista de educação tem, prioritariamente, como meio de interação professor-aluno, as relações horizontais, que podem proporcionar reflexão e, portanto, crescimento pessoal, espírito crítico e criatividade aos educandos. Entende-se por relação horizontal aquela na qual educador e educando são parceiros; uma relação equilibrada, em que o professor constrói conteúdos necessários à sua população e esta, por sua vez, debate, se expressa e se apropria criticamente.

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L.

O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

VALENTIM, Mônica
G, DAIBEM,
Ana M. L.
O bom professor: um
estudo comparativo
de concepções de
alunos e professores
do ensino médio
sobre o perfil do edu-
cador competente.
Mimesis,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 133-146, 1999.

Mas, estariam os professores e alunos cientes da relevância do exercício docente?

Há professores que buscam novos caminhos, mudam sua visão de homem e de mundo. Partem juntamente com seus alunos para a construção de novas formas de ensino, criam seus próprios paradigmas que englobam, ao mesmo tempo, a dimensão científica e social. O conhecimento trabalhado de forma articulada, não fragmentado, sempre é visto como um processo a ser construído por alunos e professores, que resultará em algo novo.

Outros não têm percepção da crise instalada. Vêem o conhecimento como pronto e acabado, fechado em si e que deve ser transmitido passo a passo, da forma como se encontra.

Nosso objetivo com o presente trabalho foi verificar as concepções de professores e alunos do ensino médio a respeito das competências exigidas para uma boa prática docente e se existiria consenso entre o que a literatura aponta como características de um bom professor e as considerações levantadas a partir de cada uma das amostras, bem como entre as concepções dos professores e alunos.

MATERIAL E MÉTODO

Participaram da pesquisa 120 alunos e 29 professores oriundos de escolas da rede pública do ensino médio.

Os questionários eram idênticos para as duas amostras e continham 10 afirmações que começavam sempre com a frase “*O bom professor é aquele que...*”, seguida de uma idéia que procurava abordar os diferentes graus de competência do professor. Foi criada uma escala de diferencial semântico, através da qual os sujeitos deveriam expressar seu grau de concordância com cada afirmação, atribuindo um valor que variava de 1 a 5, indo de *concordo totalmente* a *discordo totalmente*.

Os questionários foram apresentados aos alunos pelas pesquisadoras que, pessoalmente, forneceram as instruções para o preenchimento. Os dados dos alunos foram colhidos em escolas da rede pública, entre alunos de primeiro e segundo ano. A pesquisa junto aos professores foi efetuada com um grupo que estava participando de um seminário para docentes de ensino médio, que atuavam em diferentes escolas.

O QUADRO 1 mostra quais eram as afirmações apresentadas no questionário e a escala utilizada para medir o grau de concordância em cada item.

A escolha dos alunos e das salas de aula foi aleatória. Diante da obtenção de autorização da diretoria e do professor que estivesse ministrando a aula, era explicado aos alunos que se tratava de uma pesquisa que necessitava da colaboração dos mesmos, deixando-se claro o caráter voluntário da participação de cada um.

Nenhum aluno ou professor se recusou a colaborar com a pesquisa.

QUADRO 1: As afirmações do questionário

O bom professor é aquele que...

1. consegue transmitir bem o conteúdo da matéria
2. é um verdadeiro “pai” para os alunos
3. faz com que a gente “dê duro” para passar de ano
4. é criativo e tem sempre um jeito diferente de passar o conteúdo
5. está “sempre ali” para nos ajudar e tem sempre um bom conselho para dar
6. sabe ouvir o que o aluno tem a dizer sobre o conteúdo
7. consegue manter a classe em silêncio, impondo a disciplina enquanto o conteúdo é transmitido
8. nunca pergunta na prova mais do que ensinou em classe
9. consegue provar que sabe mais do que os alunos
10. considera a realidade dos alunos

Depois de cada questão, havia um espaço no questionário, no qual o respondente deveria assinalar a opção que melhor descrevia o seu grau de concordância, conforme a escala a seguir: (1) Concordo totalmente; (2) Concordo; (3) Concordo parcialmente; (4) Discordo e (5) Discordo totalmente.

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

RESULTADOS

Um teste t para amostras independentes mostrou pouca diferença nas concepções de alunos e professores quanto ao que caracteriza um bom professor. Somente uma questão apresentou diferença significativa entre as médias das duas amostras, enquanto duas outras apontaram para uma tendência. A questão que afirma que o bom professor é aquele que faz a gente “dar duro” para passar de ano foi a que apresentou a maior diferença nas médias ($t = -2,24$, $df = 51,57$, $p = 0,03$). Os alunos expressam mais concordância com esse pressuposto ($\bar{x} \pm SD = 2,64 \pm 1,09$) do que os professores ($3,07 \pm 0,88$). Somando-se as porcentagens das respostas de 1 a 3 (concordo totalmente, concordo e concordo parcialmente) e agrupando-as em uma mesma categoria que expressa concordância, podemos encontrar um índice de 78,4% de concordância para os alunos, contra 69,0% de concordância para os professores (FIGURA 1).

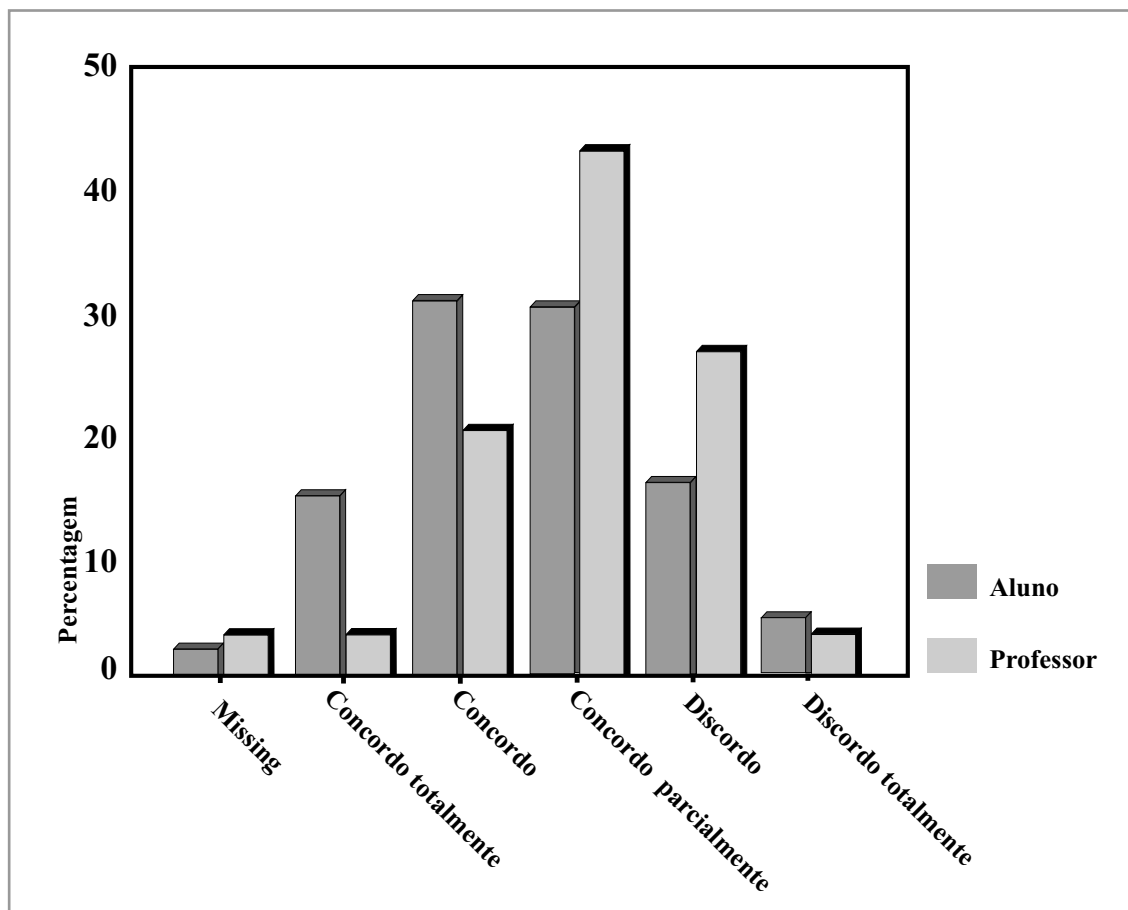


FIGURA 1 - Percentagem do grau de concordância da afirmação “O bom professor é aquele que faz com que a gente **dê duro** para passar de ano.”

VALENTIM, Mônica
G, DAIBEM,
Ana M. L.
O bom professor: um
estudo comparativo
de concepções de
alunos e professores
do ensino médio
sobre o perfil do edu-
cador competente.
Mimesis,
Bauru, v. 20, n. 1, p.
133-146, 1999.

As questões que apontaram para uma tendência à discordância de opiniões foram: aquela que afirma ser o bom professor aquele que consegue provar que sabe mais do que os alunos ($t = 1,71$, $df = 142$, $p = 0,09$) e a que afirma ser o bom professor aquele que é um verdadeiro “pai” para os alunos ($t = -1,73$, $df = 79,66$, $p = 0,09$). Os alunos discordam mais da necessidade do professor provar saber mais do que os alunos enquanto pressuposto de uma boa prática docente ($3,94 \pm 1,18$) do que os professores ($3,53 \pm 1,07$). Se agruparmos, desta vez, por itens de discordância (considerando-se como discordância a soma das respostas 4 e 5 = discordo e discordo totalmente, respectivamente), obteremos 74,6% de discordância por parte dos alunos, contra 56,7% de discordância por parte dos professores. Um dado curioso nessa questão é que 30,0% dos professores (um número razoavelmente alto) escolheram o item 3 (concordo parcialmente). (TABELA 1)

TABELA 1 - Comparação das respostas de alunos e professores para a 9ª questão. A linha superior indica o número de sujeitos que escolheu cada alternativa, enquanto a linha inferior indica o que esse número representa em porcentagem.

	Consegue provar que sabe mais do que os alunos					Total
	Concordo totalmente	Concordo	Concordo parcialmente	Discordo	Discordo totalmente	
Aluno	7 6,1%	9 7,9%	13 11,4%	40 35,1%	45 39,5%	114 100,0%
Professor	2 6,7%	2 6,7%	9 30,0%	12 40,0%	5 16,7%	30 100,0%

Em relação a ser um “pai” para os alunos, surge uma ligeira tendência para uma discordância maior por parte dos professores ($3,48 \pm 0,63$) em relação aos alunos ($3,21 \pm 1,14$). Se considerarmos os itens de discordância (discordo e discordo totalmente), obteremos um índice de 48,2% de discordância por parte dos professores em relação a 40,0% dos alunos. Houve, no entanto, uma diferença significativa na variabilidade de respostas entre os grupos, sendo que as opiniões variaram mais no grupo dos alunos do que no grupo de professores. Essa diferença foi apontada pelo teste de Levene para igualdade de variâncias ($F = 8,26$, $p = 0,005$). (TABELA 2)

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

TABELA 2 - Comparação das respostas de alunos e professores para a 2ª questão, em números absolutos e porcentagem.

	É um verdadeiro “pai” para os alunos					Total
	Concordo totalmente	Concordo	Concordo parcialmente	Discordo	Discordo totalmente	
Aluno	9 7,8%	21 18,3%	39 33,9%	29 25,2%	17 14,8%	115 100,0%
Professor		1 3,4%	14 48,3%	13 44,8%	1 3,4%	29 100,0%

As questões restantes não apresentaram diferenças significantes entre alunos e professores e, portanto, serão apresentadas de forma global.

A questão que surge com o maior índice de concordância é a que afirma que o bom professor é aquele que é criativo e tem sempre um jeito diferente de passar o conteúdo ($1,456 \pm 0,7$), totalizando 98,6% de res-

postas expressando concordância, dentro do critério anteriormente estabelecido (Vide FIGURA 2). Essa questão vem seguida da afirmação de que o bom professor é aquele que consegue transmitir bem o conteúdo da matéria, com 98,0% de concordância ($1,5 \pm 0,8$). Em terceiro lugar, aparece a idéia de que o bom professor é aquele que sabe ouvir o que o aluno tem a dizer sobre o conteúdo ($1,54 \pm 0,8$), com 97,3% de concordância.

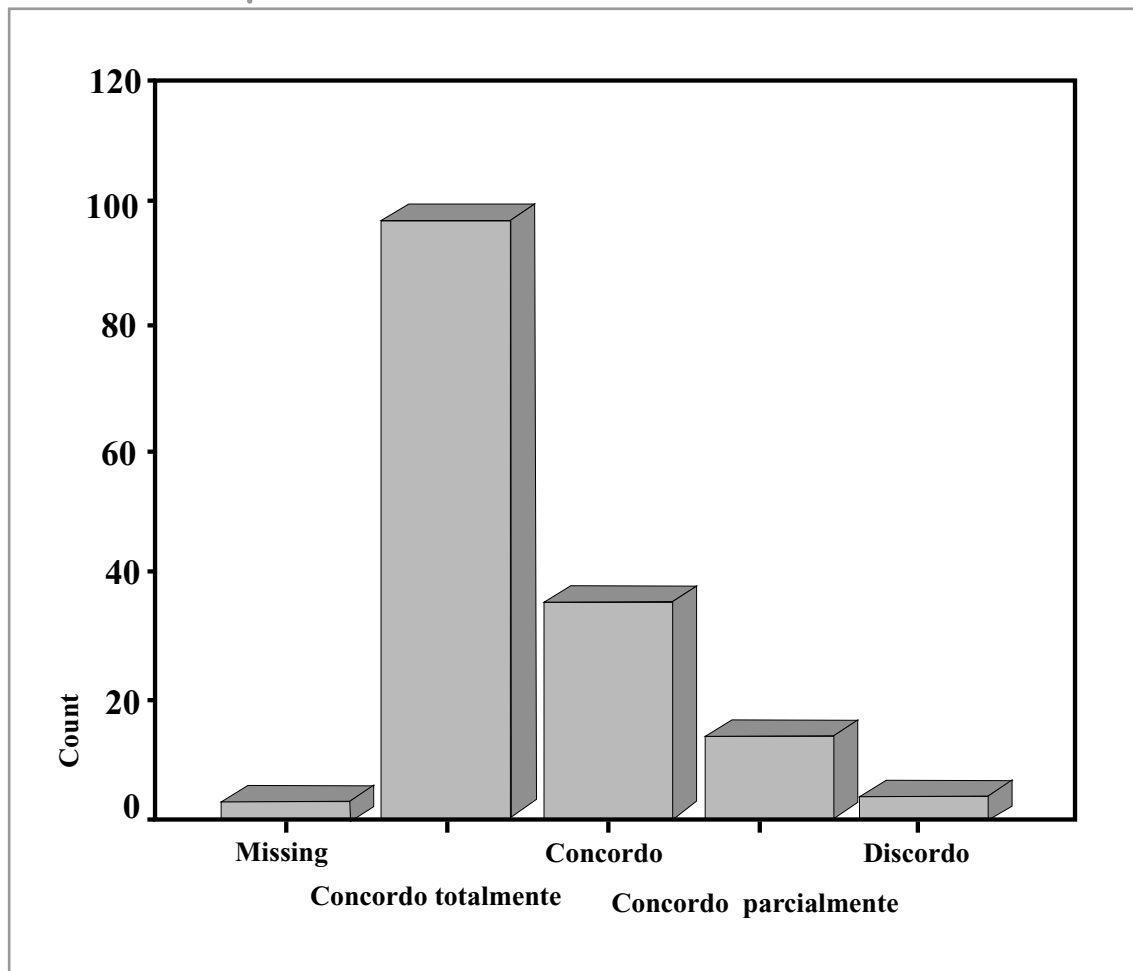


FIGURA 2 - Porcentagem do grau de concordância da afirmação “O bom professor é aquele que é criativo e tem sempre um jeito diferente de passar o conteúdo.”

A afirmação de que o bom professor é aquele que está “sempre ali” para nos ajudar e tem sempre um bom conselho para dar, também alcançou concordância expressiva ($2,08 \pm 0,9$), somando 94,5% de opção pelas três primeiras alternativas (concorde totalmente, concordo e concor-

do parcialmente). O índice de concordância foi alto (78,1%) para a afirmação de que o bom professor é aquele que consegue manter a classe em silêncio, **impondo** a disciplina enquanto o conteúdo é transmitido, se considerarmos a totalidade a amostra (TABELA 3). O dado que mais chama a atenção é que, analisando-se a amostra de professores isoladamente, encontramos 90,0% de concordância, sendo que destes, 50% estão entre concordo e concordo totalmente. Somente 10% dos professores discordaram dessa afirmação e nenhum professor discordou totalmente. A afirmação de que o bom professor é aquele que nunca pergunta na prova mais do que ensinou em classe, com 80,8% de concordância ($2,3 \pm 1,2$), também apresenta um dado curioso: 27,6% dos professores discordam dessa afirmação.

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

TABELA 3 - Respostas de alunos e professores para a questão nº 7

	Consegue manter a classe em silêncio, impondo a disciplina enquanto o conteúdo é transmitido					Total
	Concordo totalmente	Concordo	Concordo parcialmente	Discordo	Discordo totalmente	
Aluno	18 15,5%	41 35,3%	28 24,1%	17 14,7%	12 10,3%	116 100,0%
Professor	7 23,3%	8 26,7%	12 40,0%	3 10,0%		30 100,0%
Total	25 17,1%	49 33,6%	40 27,4%	20 13,7%	12 8,2%	146 100,0%

Para a questão que aponta o bom professor como aquele que considera a realidade dos alunos, encontramos um índice de concordância ($1,81 \pm 0,85$).

DISCUSSÃO

Nosso objetivo primeiro era verificar as concepções dos professores e alunos de ensino médio a respeito das competências exigidas para uma boa prática docente, e se existiria consenso entre o que a literatura aponta como características de um bom professor e as considerações levantadas a partir de cada uma das amostras. As três afirmações que alcançaram maior índice de concordância foram, em ordem do maior para o menor grau:

- o bom professor é aquele que é criativo e tem sempre um jeito diferente de passar o conteúdo;
- o bom professor é aquele que consegue transmitir bem o conteúdo da matéria;

VALENTIM, Mônica
G, DAIBEM,
Ana M. L.
O bom professor: um
estudo comparativo
de concepções de
alunos e professores
do ensino médio
sobre o perfil do edu-
cador competente.
Mimesis,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 133-146, 1999.

- o bom professor é aquele que sabe ouvir o que o aluno tem a dizer sobre o conteúdo.

Pelo que se pôde observar a partir deste resultado, alunos e professores de ensino médio reconhecem a importância da competência técnico-teórica, quando privilegiam as questões que apontam características do comportamento didático do professor como as mais importantes. Entre essas afirmações, considera-se característica do bom professor o domínio do conteúdo e sua competência em transmiti-lo, traduzida em criatividade. É importante ressaltar que as três afirmações contêm a palavra conteúdo, denotando a importância conferida pelos entrevistados a esse tópico.

Saber ouvir o que o aluno tem a dizer sobre o conteúdo parece envolver, além da questão técnico-teórica, a habilidade do professor em articular o conteúdo com a realidade do aluno, dado esse em consonância com os resultados apresentados por Brunozi & Marin (1989), em pesquisa realizada com alunos da Habilitação Específica para o Magistério. As autoras também encontraram nesses alunos uma expectativa de articulação da teoria com a prática: “a desvinculação vem ainda referida ao conteúdo ensinado, um conteúdo que, na opinião dos alunos, deveria contemplar o destino profissional, a prática pedagógica” (Brunozzi & Marin, 1989). As autoras também encontraram dados que mostram a preocupação dos alunos com o conteúdo e as propostas didáticas.

Segundo Frigotto (1996),

(...) é mediante uma capacitação teórica e epistemológica que o educador, no plano dos processos de ensino, pode apreender os saberes presentes no senso comum do aluno (sujeito que conhece) e que foram construídos a partir de suas práticas sociais, lúdicas e culturais mais amplas. A partir desta realidade do aluno (que nunca é individual, mas social), o educador poderá organizar e programar, técnica e didaticamente, os diferentes conteúdos e práticas de ensino (p. 400).

As questões que abordavam a relação interpessoal revelaram que tanto professores quanto alunos esperam uma relação de cooperação, mas não a concebem dentro de um modelo paternalista. No entanto, um certo resquício de relações verticais parece surgir quando a afirmação de que o bom professor é aquele que consegue manter a classe em silêncio, impondo a disciplina enquanto o conteúdo é transmitido alcança uma porcentagem alta de concordância e, principalmente, ao observarmos que nenhum professor discordou totalmente dessa afirmação. O que mais nos chamou a atenção foi o peso da expressão “impondo a disciplina”, que parece ter passado despercebido. Essa questão parece apontar para um modelo em que o professor exerce uma posição autoritária, no qual o aluno deve se calar para ouvir aquele que sabe mais.

Observa-se, hoje em dia, um intenso debate entre educadores sobre a questão “autoridade *versus* liberdade”. Gramsci (1968, 1978) oferece uma saída, quando propõe uma diretividade na aquisição de hábitos de

trabalho, de disciplina intelectual. Exercendo a função de supervisão, o professor atua como facilitador de atividades criativas, nas quais o aluno é levado a desenvolver a maturidade e a consciência crítica de seus direitos. Freire (1980) considera indispensável o papel do intelectual como organizador de espaços, mas enfatiza que o autoritarismo é desnecessário, e que o voluntarismo e o espontaneísmo são obstáculos a uma educação progressista.

Ainda a esse respeito, Freire (1980) afirma que

O conhecimento (...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Demanda uma busca constante. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece reconhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido o seu ato (p. 27).

Um dado interessante é expresso em 27,6% de discordância por parte dos professores de que o bom professor é aquele que nunca pergunta na prova mais do que ensinou em classe. A questão da avaliação, abordada nessa afirmação, leva-nos a um questionamento. A discordância dos professores estaria apoiada em uma visão distorcida da avaliação como instrumento de punição, ou estaria apoiada em uma idéia, talvez, de que uma avaliação poderia abarcar conhecimentos do aluno que não seriam, necessariamente, discutidos em sala de aula? Estaria por trás dessa discordância uma consideração de dados da realidade do aluno, que não constam do planejamento didático, mas que são aprendizagens que devem ser consideradas dentro de uma perspectiva mais integradora? Sabemos, no entanto, que há professores que elaboram avaliações com um nível de dificuldade muitas vezes superior aos exercícios realizados e discutidos em sala de aula, procurando estabelecer uma imagem de rigor e proferindo a dificuldade dos alunos em acompanhar sua matéria como um troféu a ser exibido, como algo que provasse a superioridade de sua disciplina em relação às outras. Este é um dado que nos deixou sem uma resposta, mas que mereceria uma maior investigação, para verificar qual a visão que os professores têm dos instrumentos de avaliação. Uma pesquisa realizada com estudantes de Psicologia, que tiveram essa disciplina em seus currículos de ensino médio, revelou que a avaliação é utilizada pelos docentes como estratégia para o controle disciplinar (Daibem, 1997).

A respeito da comparação entre as concepções dos professores e alunos a respeito do bom professor, encontramos pequenas divergências. É curioso perceber que uma das questões que apontam para a divergência é a de que o bom professor é aquele que faz com que se “dê duro” para passar de ano, sendo que foram os alunos que expressaram um grau maior de concordância com tal pressuposto. A associação do sofrimento ao processo de aprendizagem parece fazer parte da percepção dos alunos, como uma pré-condição do exercício de aprender. A incompetência didática parece ter de tal forma tomado conta das nossas instituições de

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

VALENTIM, Mônica
G, DAIBEM,
Ana M. L.
O bom professor: um
estudo comparativo
de concepções de
alunos e professores
do ensino médio
sobre o perfil do edu-
cador competente.
Mimesis,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 133-146, 1999.

ensino que é assumido como absolutamente normal ter que “dar duro” para passar de ano, como se a assimilação do conteúdo fosse medida pelo desgaste sofrido para essa aquisição. Se o professor for criativo e competente na transmissão do conteúdo, seria mesmo necessário “dar duro” para passar de ano?

A outra afirmação que aponta para uma divergência é a de que o bom professor é aquele que consegue provar que sabe mais do que os alunos, da qual os professores demonstraram discordar menos do que os alunos. É interessante que, dentro de uma proposta integradora, na qual o aluno é estimulado a contribuir na construção do conhecimento, alguns professores ainda se sintam na obrigação de provar que sabem mais do que os alunos.

Por fim, a última questão que apontou para divergência de opiniões foi a de que o bom professor é aquele que é um verdadeiro “pai” para os alunos. Embora ambas as amostras tenham demonstrado uma tendência para a discordância, atestando uma não corroboração da visão paternalista de educação, os professores parecem estar mais definidos a esse respeito, já que os alunos apresentaram uma grande variabilidade de respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alunos e professores da rede pública do ensino médio valorizaram a competência técnico-teórica do professor, bem como o seu comprometimento com a realidade dos alunos, de forma a estabelecer um vínculo entre a teoria e a prática. Essa preocupação em considerar a realidade do aluno através da atenção ao que o aluno tem a dizer, parece ser um pressuposto básico para a construção de ideais mais justos de cidadania, através da possibilidade de formar cidadãos competentes para lidar com os problemas de sua comunidade. É somente através dessa articulação do conteúdo à sua realidade, que o aluno poderá desenvolver as habilidades que poderão levá-lo a transformar a sociedade em que vive. A consciência da importância dessas condições é de certa forma alentadora, pois anuncia a possibilidade de dias melhores na nossa educação.

Alguns resquícios de autoritarismo e relações verticais aparecem nos dados coletados, levando-nos a questionar a necessidade de se repensar práticas docentes ainda existentes e a formação dos professores.

Severino (1991; 1992) enfatiza a importância de uma formação tridimensional do professor, abrangendo conteúdo, habilidades didáticas e relações situacionais. Afirma que a educação tem por objetivo humanizar o educando, personalizá-lo, desenvolver-lhe as potencialidades, preparando-o para o exercício do trabalho, para a vida social e para a participação cultural. Para ele, o processo educativo deve ser uma atividade de conscientização, que deverá garantir uma melhor compreensão da realidade e uma maior possibilidade de intervenção.

Frigotto (1996) também propõe um modelo abrangente de formação do professor que contempla estudos multidisciplinares, envolvendo o conhecimento científico, biopsíquico, cultural, ético-político, lúdico e estético. Somente uma formação abrangente poderia garantir um exercício consciente e transformador da educação, comprometendo-se com os destinos da prática educativa e da sociedade onde se realiza.

Formar um “bom professor” requer, dentre outros aspectos, fundamentar-se na pedagogia que, segundo Cabanas (1983) apud Pimenta et al. (1996), é a

(...) ciência prática e normativa da educação, preocupada com a ação de educar, com o ato educativo e com a intervenção nesse ato, para o qual se dirige a um só tempo com a intenção de conhecê-lo e de transformá-lo, munida portanto, de uma intencionalidade, de um projeto (p.52).

Considerando a concepção acima citada, entendemos que o perfil de um educador competente requer dialeticamente a unidade teoria e prática, constituindo-se a Pedagogia na atividade teórica de conhecer e estabelecer finalidades e valores, enquanto ciência do fazer educativo, e a Educação na atividade prática, o próprio fazer do educador, atingindo o nível da práxis, que consiste em resultados ou produtos reais.

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. The good teacher: a comparative study among high school students' and high school teachers' representations about the efficient educator. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-132, 1999.

ABSTRACT

One hundred-twenty high school students and twenty-nine high school teachers were inquired about the features they would assign to a good teacher. Data revealed little variation among the samples, uncovering relative agreement among teachers' and students' expectations about what a good teacher is supposed to be. Both teachers and students emphasize creativity and effective contents communication as basic features of a good teacher performance. Both samples also agree about the importance of listening to what the student has to say as well as considering their own reality. Interpersonal relationship emerges as something relevant, but neither students nor teachers seem to value paternalistic relationships. The research revealed some degree of consciousness in both samples regarding the importance of the basic conditions to a suitable teaching practice. Some old myths' influences still remain, associating learning to pain, mostly among students. Discipline imposition, indicating a view of the teacher as someone superior to the students, gifted with a knowledge that should be accepted passively by the students, seems to denote vestiges of a conservative education, mainly expressed on teachers' answers.

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.

VALENTIM, Mônica
G, DAIBEM,
Ana M. L.
O bom professor: um
estudo comparativo
de concepções de
alunos e professores
do ensino médio
sobre o perfil do edu-
cador competente.
Mimesis,
Bauru, v. 20, n. 1,
p. 133-146, 1999.

Key Words: efficient educator, interpersonal competence, teaching practice, good teacher.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Emma Otta, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, por sua atenção e comentários valiosos.

A Adriana de Fátima Franco e Sílvia Aparecida Fornazari, pela participação na coleta de dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNOZZI, M. S., MARIN, A. J. Didática e formação de professores ao nível do 2º grau: O cotidiano na visão de alunos. *Didática*, São Paulo, v. 25, p. 63-78, 1989.

DAIBEM, A. M. L. *A prática de ensino e o estágio supervisionado: possibilidades de construção de uma prática inovadora*. Marília, 1997. Dissertação (Doutorado) - UNESP, 1997.

FREIRE, P. Alfabetização e cidadania. *Revista educação Municipal*, v. 1, n. 1, p. 6-15, 1988.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.

FRIGOTTO, G. A formação e profissionalização do educador frente aos novos desafios. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DO EDUCADOR, 1996, Santa Catarina. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

GRAMSCI, A. *As cartas do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968

PIMENTA, S. G. et al. *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo: Cortez, 1996.

PIMENTEL, M. G. *O professor em construção*. São Paulo: Papirus, 1994 .

RAGONESI, M. E. M. M. *Os desafios do processo de democratização educacional*. Bauru: UNESP, 1993.

SEVERINO, A. J. A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares. *Revista ANDE*, v. 10. n.17, p. 29-40, 1991.

———. Filosofia da educação. In: FDE (Org.). *Programa para o aperfeiçoamento de professores da rede estadual de ensino: formação geral*. São Paulo: FDE, 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. São Paulo: Papirus, 1995.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

KUHN, T. S. *Das estruturas das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1991 .

SAVIANE, D. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, E. T. *O professor e o combate à alienação imposta*. São Paulo: Cortez, 1991

VALENTIM, Mônica G, DAIBEM, Ana M. L.
O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 133-146, 1999.